

Anno XIII.

São Paulo, 13 de Novembro de 1910.

Num 46.

Patrocinio de N. Senhora

Crearam os gregos nas suas lendas mythologicas um typo sobrehumano, reunindo a belleza attrahente do corpo ás formas viris que impõem respeito e causam admiração. O grande Phidias, chefe dos "technites" ou artistas esculptores, ideiou a Athena Promachos ou Minerva protectora dos athenienses em attitude guerreira, brandindo com destreza as armas contra aquelles que não se prostrando ante sua formosura, perseguiram os seus protegidos da capital atheniense. As formas elegantes e os traços esculptoricos resaltavam com brilho deslumbrante sobre o marfim e ouro de que era formada a obra prima do immortal artista.

Mas toda essa grandeza era ficticia, producto admiravel de um sabio modelador da materia, adulando o sentimento patriotico de um illustre povo. A fé dos christãos, bem fundada nos milagres e nos testemunhos irrecusaveis da historia, mostra-nos á veneração a grande belleza e a mais lampejante formosura protejendo a humanidade desde as alturas celestes e tendo a seu dispôr o braço da Omnipotencia. Maria reúne em si o affecto mais profundo de maternal pro-

tecção aos miseros mortaes e o amor constante que encaminha seus protegidos a bom termo em todos os transes da vida. Maria Virgem teve a ventura de ser progenitora de um filho omnipotente que sendo Deus desde toda a eternidade, a escolheu por sua mãe, não permittindo que lhe faltasse neml uma das perfeições da natureza e nenhum privilegio da graça que nunca fôra nem será jamais concedido a outra criatura. Si, pois, é um predicado indefectivel em toda mulher bem formada o sentimento da protecção aos infelizes, o desejo de favorecer aos necessitados, não podendo vêr uma lagrima que não queira enxugar, nem ouvir um lamento que não deseje abafar com algum soccorro aos miseraveis, bem que ingratos e não conhecidos, não havia de permittir Jesus Christo que em sua Mãe faltasse um tão nobre attributo, como é a misericordia, e uma gloria tão apreciada como a de extender sobre os homens o manto de sua protecção.

Maria fôra escolhida nos divinos conselhos para ter com Jesus o reinado das criaturas; seu sceptro e coroa de ouro não haviam de ser mais ricos e

gloriosos que seu coração materno, delícias de Jesus e habitaculo o mais digno da Sma. Trindade. Mas um coração não é grande, não é rico nem glorioso, si elle só quer gozar de seus bens e felicidade, e não deseja que outros compartilhem a sua ventura, quando a elle acodem e o invocam, gemendo sob as estreituras da pobreza, lamentando as miserias que os affligem e clamando desolados ante os perigos que os apavoram.

O Coração de Maria é certamente misericordioso e sente em si os nobres anhelos de proteger os miseraveis e amparar os desvalidos. S. Bernardo, porque sabia, de propria experiencia, os desejos amorosos da Mãe de Jesus anhelando extender a todos os homens os beneficios e a ternura de sua maternidade, chamava os christãos com vivas exhortações e animava-os á confiança em Maria, dizendo: "Nos perigos, nas angustias, nas ancias crueis da duvida, e nos receios do porvir, pensa em Maria, invoça Maria. Não cesses de chamar seu nome nem de acudir a ella desde o imo de teu coração: para impetrar o suffragio de suas preces não esqueças o exemplo de sua vida. Seguindo-a fielmente, não te desvias: rogando-a, não ha porque desesperar; lembrando-te della, não cairás no erro: sustentando-te ella, não vacillarás: si ella te protege, não ha por que temer: sendo te ella propicia, chegarás com felicidade ao termo de tua vida".

Todos os heróes e os grandes Santos que militaram valorosos até o fim sob as bandeiras de Christo, eram protegidos pela Rainha do céu: a devoção terrena e fervente a Maria, a confiança no seu amparo poderoso era a egida mais firme, o escudo impenetravel ao bater das almas inimigas. O fogo vehemente das paixões esfriava seus ardores á sombra protectora de Maria: o demonio tentador com suas suggestões era velozmente esmagado sob as plantas da

augusta vencedora da serpente infernal. O mundo com suas maximas illusorias, com seus afagos mentirosos, com o vulto sarcastico das irrisões, com a face carregada de ameaças, com a procella temerosa de suas perseguições, era calcado aos pés e vencido com gloria pelos devotos sinceros de Maria.

Com a protecções maternal da celeste Senhora podem os christãos tornar-se batalhadores indomaveis nas luctas empenhadas com o inimigo de suas almas. Maria lhes acudirá sempre com a ternura de sua misericordia e com o poder invencivel de seu patrocínio até o dia final em que lhes será dada pelo Juiz supremo a coroa resplendente e a palma da victoria.

LUIZ SALAMERO, C. M. F.

O clero catholico perante

os tribunaes e a imprensa

Graças á Deus, os fieis em geral não são victimas d'esta tactica diabolica. Desconfiam das imputações da imprensa e persistem, apesar de tudo, em conservar para com seus sacerdotes e religiosos o respeito, a confiança e a afeição que elles merecem.

Como porém encontrem-se, ás vezes, catholicos mais simples e menos perspicazes, que não suspeitam da má fé e imprudencia da imprensa anti-religiosa e que acolhem, sem desconfiança, as narrações mentirosas que se lhes offerecem, sob o manto de factos historietas contestaveis, crêmos util esclarecel-os sobre o verdadeiro valor das vergonhosas accusações atiradas, quasi diariamente, contra o clero catholico.

N'estas calumnias incessantemente renovadas, quero oppô duas theses, ambas apoiadas em uma demonstração peremptoria.

Primeira these. A accusação de immoralidade assacada ao clero catholico, longe está de ter fundamento, como pretende a má imprensa. Ao envez de ser a corrupção moral nas fileiras do clero a regra geral, não ha em toda sociedade, uma classe sequér de cidadãos que, sob o ponto de vista da probidade e moralidade possa, com bom direito, atirar a pedra ao clero catholico.

Segunda these.—Quando mesmo fundada em factos, nada provaria a pretendida immoralidade do clero contra a divindade da Igreja catholica. Ao contrario, tão triste e censuravel quanto em si mesmo fosse, constituiria este facto antes uma nova prova da divindade da santa Igreja, e portanto, longe de abalar nossas convicções religiosas, deveria reforçal-as e nos prender á Igreja mais firmemente que nunca.

O simples enunciado desta dupla proposição mostra que não pretendemos attribuir aos membros do clero o privilegio da impeccabilidade. Reconhecemol-o: o proprio padre, apesar de padre, conserva-se sempre homem e por conseguinte fraco e sujeito a errar.

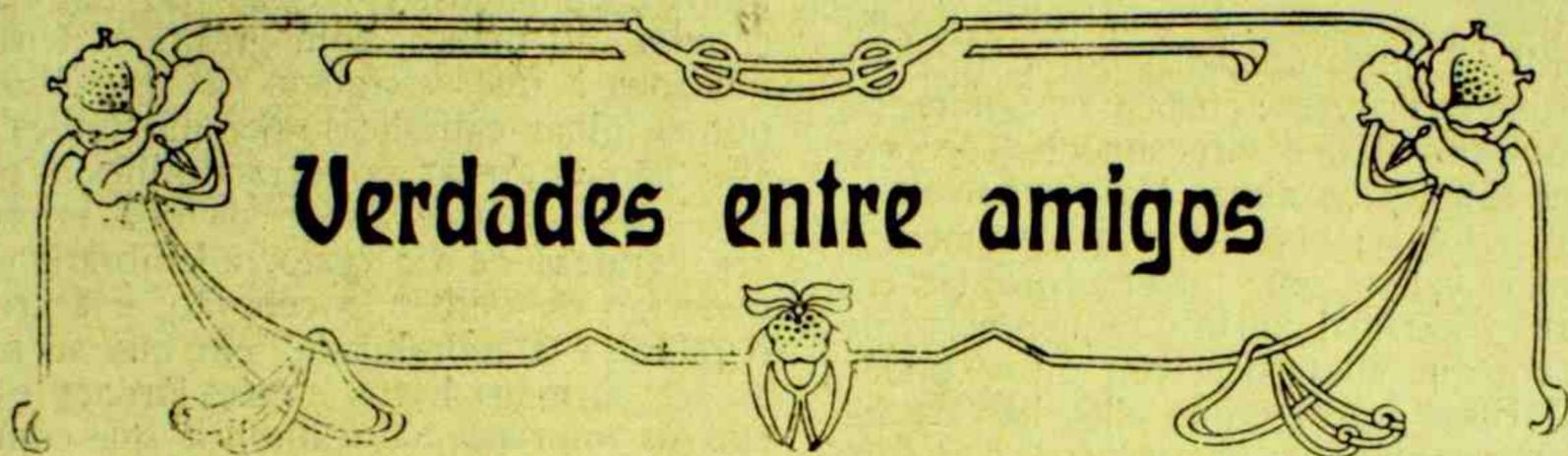
No collegio apostolico, no qual o Deus

Salvador não admittiu senão doze homens, encontrou-se um Judas. E' então admiravel que entre os cemmil homens, (1) dos quaes actualmente compõe-se o clero, encontre-se aqui e alli um traidor, um homem indigno do character de que está investido e do habito que veste? Aceitamos, pois, o facto de algumas quedas, sempre deploraveis.

Mas taes quedas tem-se multiplicado tanto quanto pretendem os inimigos da Igreja? Justificam ellas as accusações geraes com as quaes esforçam-se por infamar todo o corpo ecclesiastico?

Eis a questão que nos propomos estudar n'estas paginas.

(1) Falla-se do clero francez na mais ampla acceição da palavra — N. da R.



— Já lêstes a *Ave Maria*?

— Sim, sim, e gostei tanto: li alguns artigos duas vezes até...

— Gostou-te e lêste duas vezes, mas talvez não te livres do laivo do egoismo.

— Eu egoista? nunca mais! sabes como eu sempre fui caridoso, ainda com os desconhecidos: e ainda sou mais devotado á caridade e beneficencia depois que leio as folhas catholicas...

— E's caridoso, sim, não poupas ao pobre os teus bens nem ao doente as tuas palavras de consolo; mas o homem não vive só de pão, nem só se confoita com palavras. Nossa caridade ha de ser universal, beneficiando a todos os homens e communicando-lhes todos os nossos bens, emquanto não houver inconveniente grave ou prejuizo de terceiro...

— Parece que eu communico assim todos os meus bens, practicando as quatorze obras de misericordia: sete corporaes e sete espirituaes...

— E qual é o grande mestre que te ensinou que só havia quatorze obras de misericordia? Concedo-te que certas obras de misericordia sejam de todos os tempos; mas como todas procedem do amor que devemos ao proximo, por Deus que o criou,

a nossa misericordia ha de ser grande como esse amor, e larga, inventiva e geitosa conforme ás necessidades de nossos irmãos que são todos os filhos de Deus, membros da grande familia humana.

— Qual é, pois, a necessidade de meu proximo que eu não tenha soccorrido?

— Ah! meu caro, aqui é que eu te esperava. O proximo, os homens de hoje, as pessoas de todo sexo, idade e condição padecem uma grave necessidade e estão constantemente em grande perigo. Padecem quasi todos da ignorancia religiosa; de ignorancia *absoluta*, a mór parte, posto que quasi não conhecem as verdades da religião: os sermões são poucos, alguns em linguagem muito elevada, não se prégam com a ordem necessaria para instruir as multidões; e o peor inconveniente é que os catholicos não os querem ouvir.

Entre aquelles mais felizes que conhecem o catechismo, existe a ignorancia relativa, mas muito fatal para "suas almas. O catechismo dá sómente o ensino rudimentar que serve de base ao conhecimento da religião em todos os tempos da Igreja e para toda classe de pessoas. Ha, porém, muitos tempos e posições sociaes em que somos obrigados a conhecer melhor a nossa religião

verdadeira par não nos illudirmos e deixar-nos vencer com os ataques frequentes de seus inimigos que ou com a prosa familiar ou com a propaganda impressa de livros e jornaes ou com as conferencias e discursos publicos de agitadores endemoninhados pouco a pouco pelos sophismas, pelas negações emphaticas e pelas calumnias vão incutindo nos animos a desconfiança contra o clero nos ensinios da Egreja, na verdade sobre seus dogmas e até na descrença da mesma religião.

E eis o perigo, o grande perigo a que continuamente se acha exposto em nossos dias o proximo que está, por isso, reclamando de nós o auxilio generoso de nossa caridade

— Vejo agora, sim, que na epoca vertente uma obra de caridade está reclamando a nossa dedicação: é uma obra de misericordia incluída naquellas que o catechismo chama espirituales: ensinar os ignorantes, dar bom conselho é directamente soccorrer ás necessidades da alma. Mas eu não posso ensinar a todos; nem mesmo para meus filhos mais velhos eu poderia prestar esse soccorro espiritual, quanto requerem os perigos em que elles se acham ou se podem achar. Essas escolas que elles hão de frequentar, porque os professores não cumprem o compromisso da Constituição, de não tocar nas crenças alheias, e os livros de texto se acham eivados da praga anticlerical... Eu mandaria os meus pimpolhos a disfructar os mimos de um collegio religioso, mas o meu ordenado não dá para pagar o internato. Demais, o ensino superior das carreiras não é ainda ministrado nos centros catholicos; um bello dia as cianças haviam de sair do collegio e entrar no mundo...

— Justamente porque esse remedio das escolas catholicas tão necessario, tão efficaz e tão recomendavel, é sómente provisório para os primeiros annos da vida, é necessario procurar para os teus filhos, e para todos os mais, posto que são filhos de Deus o grande remedio.

— Qual pode ser esse magico remedio?

— Póde haver diversos: mas o que está nas tuas mãos e nas de todos os que vão ouvir nossa conversação, é a boa leitura. Que leiam os teus filhos a *Ave Maria*, que leiam outras folhas da imprensa catholica, que leiam os diversos livros e folhetos publicados para responder aos inimigos da religião... como Franco, Segur, Sardá... Propaga entre os teus amigos com entusiasmo, com interesse, com dedicação essa revista

que tanto te agrada, convida os primeiro a lêr as suas columnas, emprestando-a...

— Emprestar? não sabes que emprestar livros é como lançal-os ao rio?

— Não tanto assim, meu caro amigo, si perderes o folheto, ao menos sabe que não foi perdido para os seus novos leitores aos quaes muito e muito terá aproveitado...

— Bom proveito; mas eu faço cuidadosamente a minha collecção.

— Boa noticia acabas de dar-me. Fazes collecção da *Ave Maria*.! Justamente como meu bom pai que tinha em casa uma collecção encadernada de uma revista catholica illustrada que eu nos tempos de minha infancia folheava muitas vezes, podes imaginar com que gosto...

Mas si queres fazer collecção para teus filhos e cunhados, e receias de emprestar, convida, ao menos, com graça, os teus conhecidos a que assignem a *Ave Maria* e outras folhas catholicas de que sabes que elles hão de gostar, ponderando-lhes os grandes bens e a necessidade da bôa imprensa e a barateza de seu custo, e lembrando-lhes o perigo de perder a religião, e a crença, o pudor e a moralidade, em que se põem ao lêr os máus livros e esses jornaes e diarios da imprensa não catholica que com mil calumnias, com gravuras indecentes, com prosas de máu genero e com artigos e excerptos antireligiosos propagam o atheismo, o escepticismo, o desprezo á religião, o relaxamento da familia, o divorcio, a libertinagem e a liberdade absoluta que solta o freio a todas as paixões e vai creando por meio da imprensa sem Deus uma sociedade sem força moral e sem laços nem obrigações, quer para com os individuos como para com as autoridades, um estado peor e mais intoleravel que os dos proprios silvicolas sem educação nem cultura, mas com alguns principios comezinhos da moral primitiva infundida pelo Creador no intimo dos corações.

CLOVIS.

Um certo maganão não querendo até ás ultimas desmentir seu genio folgazão, depois de fazer testamento assim fala ao tabellião e ao advogado, que lhe assistiram n'aquelle ultimo act:

— Vou pedir-vos mais um favor: quereis ajudar-me a ter a mais bella morte?

— De todo o coração, respondem ambos. Fale: em que lhe poderemos ser uteis? Diga-o francamente.

— Eil-o. Ponha se um á minha direita e outro á esquerda.. Assim mesmo.. Agora... posso morrer contente... porque morro, como Jesus Christo.. entre dois...

OS FINADOS

Sois pó, ao pó volveis, não se disse relativamente á alma.

LONGFELLOW

Para grandes que desfructam poder e alegrias como para pequenos que lhes sofrem mando e desprezo; para opulentos que desperdiçam largas sobras como para miseraveis a quem ellas não socorrem; para infantes a quem a natureza tudo dá como para velhos de quem ella tudo tira; para quem vive rindo como para quem morre chorando, quem, no dizer de Racine, tanta vez morre sem sahir da vida — a Morte, só ella, na mór imparcialidade de sempre, espalha, soberana, iguaes dôres e agónias — só ella se manifesta harmonica em meio a desharmónias taes, cumprindo severamente a divisa que sempre lhe deram seus tributarios: nada mais incerto; nenhuma cousa mais certa.

D'est'arte se explica a melancolia absoluta que se reflecte nestas palavras de Pierre Boiste: «O homem não tem um fim, porque a vida lhe é longa morte.»

Não obstante, disse alguém, quanta vez a morte, que paira sobre todas as cabeças, não surprende a vingança, que paira sobre todos os corações?

..

Na commemoração que passa, ao fazermos esta pausa no presente para nos voltarmos, plenos de infinda saudade, para o passado, e derrubarmos as flores da terra sobre o piedoso mundo dos mortos, bem quizeramos essa paz honesta, igual na vida á que os assiste na morte, sem temer o mal seguro e inquieto futuro que es era aos fortes de todos os tempos, esses a quem menos repugna o soffrimento que a corrupção, esses que, angustiados, contemplam aos pusilanimos, que se deixam arrastar por actos menos severos desde que estes lhes offereçam interesse, posições, vida facil.

Opiniões, ideaes, firmeza, character... esse thesouro de um recente passado já se

inclina para o relativo ou futil que, não raro, impudicamente se ostenta escudado ao lemma *v. da moderna*, lemma acariciado com a força capaz de esquecer as responsabilidades que derivam das idades — pelos exemplos, das posições sociaes e politicas — pelas normas de co ducta. Os modestos! contra estes se dirigem as ondas revoltosas, que uma moral inteira tentam destruir, para os abater, não pela convicção, que não pene



BARÃO DE DUPRAT,

catholico distincto, reeleito vereador na Camara com grande maioria

tra no seu reducto, mas pelo aniquilamento e pelo desanimo!

..

Pelo seculo XI, estatue a Egreja as *trêguas de Deus* para o descanso da vingança; dezenove annos depois, pelo abbade de Cluny, as *trêguas dos mortos* para o descanso das paixões.

Descansemos, assim, na doce paz dos

suspiros e das recordações, quando as multidões, num impulso commum, tantos bens vão prantear pelas necropoles: — uma protecção perdida, um incentivo de coragem, um amparo de consolo, um passado feliz de amizade, um chorado amor, uma vida mais cara que a propria. E, no dia do descanso e da communhão na dôr, permanecam immorredouras as suavissimas palavras de Bossuet: «A vida dos christãos deve ser uma serie continua de actos de misericordia».

No badalar dos sinos, cada pancada parece evocar um nome, que se espria pelos ares acompanhado de um psalmo fiel de dor, e faz reviver, indeleveis, os grandes mortos que se não deixaram encerrar nos sepulcros sem que suas palavras e exemplos perdurassem pelos tempos

«Assim como os passageiros adormecidos num navio vão caminhando para o porto e, sem por isso darem, se avisinham do termo da viagem, assim na rapidez da nossa vida, que se esgota, somos levados por um movimento insensivel e contínuo para o nosso derradeiro dia.

Dormimos e o tempo foge: velamos ou dormimos e igualmente se vae a vida».

Basilio, o prégador do amor, nos evoca ainda o eloquente Gregorio de Nazianzo que, na opinião de um historiador, é um Jeremias quando chóra pelas campas...

«Que fui? que sou? que serei? Que serei amanhã, si ainda fôr? — Nada que dure. Envolto em nuvens, andamos errantes e perdidos; enganados andamos, emquanto a nuvem dos sentidos nos opprime, e o que mais sabio parece é o mais illudido pela mentira do seu coração. Homens da terra, seres de um instante condemnados a morrer, só viveis para ser presa de tumulto!»

Acompanhando a tristeza dos sinos, saudemos os mortos e, si a saudade nos quizer esmagar, embalemos o coração no lindo berço da esperanza que S. Ambrosio nos preparou com as mais sublimes palavras que de bocca humana teem cahido: — «Os christãos ao morrer não deixam de viver, apenas deixam de peccar».

E, em ch.gando o nosso derradeiro instante, morramos amorosamente na doçura ideal, na formosa esperanza de só deixar de fazer mal...

22 de Novembro

J. BENTLEY.

DEUS TE ACOMPANHE

*A' minha filha Olindina,
no dia da partida para o
noviciado na Congregação
de São José.*

Partes, querida filha!... E vaes dignamente,
Escudada em tua fé. briosamente crente,
Ouvindo o coração, sem temer os horrores
Que o mundo hoje contempla, entre as bemditas flores
Da crôa de Maria, exhalar teu perfume,
Meu lirio abençoado, alma que em si resume
Toda a doce meiguice, toda a innocencia pura
De um coração de crença, de fé e de candura,
E levas de minh'alma—oh filha estremecida
Uma vibrante corda, fortemente partida!...

Eras—querida filha—do jardim de teu pae,
Aquelle a quem a sorte amargamente vae
Pondo em prova o valor, a doce suavidade,
O encanto, a pureza, o perfume, a bondade.
Perdida muito cedo a tua amada mãe,
Ficaste, minha filha, o meu supremo bem,
A minha companheira, até que quatro irmãs
Viessem ser contigo as suaves manhãs
Do meu duro viver... Ao lado dos botões
Das mimosas rozinhas, alegres, folgazões,
Que são as minhas quatro travessinhas Marias,
Tu eras filha—o lirio, que mimoso sorrias
E doce misturavas o perfume ora esquivo
As florinhas gentis que orgulhoso eu cultivo...
E vaes, pura e bemdita á suprema Pureza
Dedicar teu futuro, toda a tua riqueza,
Toda esta alma meiga, doce e carinhosa
Que tornava minh'alma feliz e orgulhosa...

Segue, querida filha!... Cumpre a santa missão,
Parta embora minh'alma, estale o coração
A cruel despedida... Acompanhe te Deus,
Oh! Filha de minh'alma, lirio votado aos Céns,
Nobilissimo coração, alma feita de luz,
Que vae feliz se abrigar aos pés da Santa Cruz..

Vae—filha idolatrada... e na senda em que se vae
Ao seio de Maria—não esquece teu pae
A mãe, os teus irmãos, o lar em que viveste
E onde a c'roa de luz nobremente teceste,
Entreguei-te á Maria—oh! filha abençoada,
Segue pois altaneira a gloriosa estrada
Da honra e da pureza! Lirio da minha vida,
Minha bondosa filha, minha filha querida
Ondas de luz divina, de cahir não cessem
Sobre ti que és, feliz, das que não esmorecem,
Quando é necessario bem alto proclamar
A verdade e o bem, sem nada receiar.
Luz que sempre guiou há mais de vinte annos
Meus passos n'esta vida de luta e desenganos
De dor e soffrimento... Adeus, filha querida!
Vae perfumar o altar da Grande Luz da vida,
Lirio do meu jardim flor amiga e cheirosa,
Minha justa ufania, palma sempre viçosa
E cheia de doçura no lar abençoado
Sempre com teu olhar meigamente aclarado
Triste e dorido agora... A luz divina banhe
Teus dias—Olindina... Vae minha filha amada
Segue nobre e feliz a luminosa estrada
E Deus que te abençoe e Deus que te acompanhe.

São Paulo, 7 de Novembro de 1910

DINAMERICO A. R. RANGEL.



Sou sacerdote catholico, apostolico, romano. Tenho esta honra, cabe-me esta honra immerecida, incomparavel. Hontem uma turba de inconscientes insultou-me.

E... tirei o chapéu, cumprimentando meus insultadores e dei-lhes as graças com sinceridade, com alegria. Não me comprehendem: callaram-se envergonhados, desapontados...

Não, não me comprehendem... Esses infelizes não me conhecem pessoalmente, não sabem meu sobrenome, desconhecem por completo minha vida, ignoram si é de virtude ou de peccado.

Logo não se dirigem a mim... quando ao cruzar uma rua me ensurdecem com o asobio, — me deprimem com palavras infames, atravessando uma praça, ou me cospem no rosto ao ladeal-os no acanhado passeio.

Não, não se dirigem a mim. A quem, pois? A um sacerdote, ao representante de uma instituição vinte vezes secular, a um representante de Jesus Christo, a um arauto do Evangelho!

Por isto meu amor proprio se assoberba, se desvanece, não se sente ferido: bem ao contrario, se alegra, se regosija e canta uma acção de graças.

Explicar-me-ei.

A mim, tomam-me pelo Christo em pessoa! Oh, meu Deus, não me peçais conta, um dia, de semelhante honra! Sim, vós, os liberaes, os libertinos, em mim insultais a Jesus. Quereis que faça a apologia do Redemptor? Não: o Homem Deus não deve ser discutido; ha de ser amado e adorado em silencio; tecer-lhe diademas de louros humanos é minorar-lhe a gloria; a unica coroa digna de sua frente é sua propria divindade.

Insultam elles em mim os Apostolos, aquelles heroes que quebrantaram e reduziram a pó a infamia philosophica, e social do paganismo. Insultam elles em mim os martyres, essas consciencias alevantadas, heroicas que selleram com seu sangue a enthronisação de Deus e o reinado da santa liberdade.

Insultam elles em mim a Leão X, o Mecenas da Arte; a Gregorio VII, o terror dos tyrannos; a Benedicto XIV, o impulsionador das sciencias; a Pio VII, o modelo do character; a Pio IX, o coração de ouro; a Leão XIII, o pai dos obreiros.

Insultam elles em mim a sciencia, na pessoa de Tertuliano, Agostinho, Boaventura, Thomaz de Aquino, Bellarmino, Granada, Bossuet, Lacordaire, Hauy, Nollet, Spallanzani, Secchi, Balmes, Mercier, Ruiz Amado, Gemelli.

Insultam em mim esses grandes estandartes da liberdade que se chamam João da Matta, Pedro Nolasco, Lavigerie.

••

Insultam em mim esses milagres da caridade que fôram Francisco de Assis, Caetano Thiene, Felipe Neri, João de Deus, Camillo de Lellis, Vicente de Paulo, Pedro Claver, João Bosco, Rua; Padre Damien.

Insultam em mim esses magnificos missionarios que levam o nome de Paulo de Tarso, Francisco Solano, Domingos de Gusmão, Francisco Xavier, Nobrega, Anchieta, Claret, Bolaños, Ermetti.

Insultam em mim esses portentos de santidade Luiz de Gonzaga, Miguel dos Santos, João B. Vianney, Affonso de Ligorio.

Insultam em mim todos os innumerados fundadores das escolas, universidades, hospitaes, asylos, lazaretos, leprosarias, de todas essas creações beneficicas para remediar as doencas phisicas e moraes da humanidade.

Insultam em mim a Egreja toda com seus milhões de santos, de heroes e de sabios.

Quanta honra, quanta gloria, quanta grandeza! Como quereis, por tanto que não me alegre, que não exulte, que não me rejubile? Sim, insultae-me por favor, vol-o peço por esmola. Tende senhores liberaes, maçons, socialistas, livres pensadores, livres vivedores, acratas, exploradores do povo ignorante, incrêus de toda especie; tende a amabilidade de obsequiar com vossos insultos a este sacerdote que tem fome e sêde

de que o façais culpavel de tudo quanto ha no céu e na terra de sublime, divino e heroico.

Oh! minha batina: nunca te achei tão adoravel come hoje...!

ABBADE RAMUNTCHO

SEM RUMO...

Exemplo nobre de coragem civica, mas de verdadeira coragem civica, em toda a extensão da palavra, deu agora a pequena e heroica Belgica, no dizer do arguto escriptor Oliveira e Silva. "Ao passo que a França de hoje, com receio da poderosa Inglaterra, nega a sua capital para n'ella se reunir o Congresso dos "Jovens egypcios" a pequena Belgica catholica, sem medo dos arroganhos de Albion, offerece generosamente a sua Capital para que n'ella se reúnam os patriotas egypcios afim de tratarem dos meios de conseguir a sua emancipação politica'.

Muito bem!

Como poderia o nefasto governo que por desgraça opprime agora a infeliz França, honrar as tradições gloriosas de seus predecessores, elle que tem por unico empenho banir completamente da terra de S. Luiz o nome de Deus? Que importa a esse governo cruel e deshumano saber se ha algures um povo que, cançado de soffrer um jugo que parece não ter fim, se levante em um bello gesto patriotico para sacudir esse jugo oppressor?

Que lhe importa a esse governo saber que a França foi sempre a patria de todas as liberdades? Não, perfido governo, por maior que seja a tua maldade e egoismo, não conseguirás apagar o brilho e esplendor d'aquelles illustres varões que governaram em outras éras a gloriosa França! Tu hoje conspurcas da lama o bello solio de S. Luiz, tú hoje cobres de lôdo a nação franceza, porém ha de vir muito em breve — a vassoura — que Deus ha de enviar á França, para varrer-te e á tua obra d'ahi, com uma só vassourada! E então não ficará um signal siquer de tua infame passagem, e então hão de voltar outra vez para a França os seus dias gloriosos como outr'ora.

NEMO.

Rogamos encarecidamente aos assignantes desta capital que se sirvam de avisar-nos quanto antes a mudança de seus domicilios.



Alcira Teixeira Genlast,

† 13 de Novembro de 1903. Finada esposa do sr. David Genlast.

Faz hoje 7 annos que deixou a terra a dilecta Esposa e Mãe que se chamou D. Alice Teixeira Goulart. 7 annos! Um minuto, talvez, para o indifferente; um seculo verdadeiro para os corações que ella aqui abandonou, sangrando de maguas, doridos de saudade, de uma saudade infinita!

A morte para muitos é considerada o fim absoluto de todas as cousas.

Tremenda inverdade!

Qual o esposo que jamais esqueceu a meiga companheira, o esteio do lar, o anjo da ternura, a doce esperanza, a razão da vida? E o filho que tenha olvidado um momento sequer, os olhos santamente amorosos de uma Mãe terna e boa, uns braços inimitaveis que o cingiram, uns labios impecaveis que o oscularam nessa idade graciosa em que as creaturas parecem presentes do ceo? Não! Aquella de quem hoje recordamos uma data tão triste, esmaga, por completo, a doutrina dos materialistas: ella vive no coração do esposo que lhe foi extremoso e do filhinho que a adorou; sua lembrança é como os dias que se succedem cada vez mais bellos e radiantes.

Ella não morrerá jamais!

S. Paulo, 13 de Novembro de 1910

BENEDICTO RIBEIRO



S. MANOEL.—Lembrança da communhão das Filhas de Maria,
em 15 de Agosto de 1910.

Psalmos de Salomão

Conheciamos todos o psalterio de David, de cento e cincoenta psalmos, e formando parte do canon da Escripura Sagrada. Nos ultimos annos, porém, o bibliophilo Rendel Harris, em suas excursões pelo Oriente, descobriu um psalterio, attribuido a Salomão, usado nas cerimoniaes do culto pelos primeiros christãos da Palestina, discipulos de Jesus e dos Apostolos que pré-garam a fé na Judea, na Samaria e na Galilea. O manuscripto era uma versão syriaca sobre o texto hebraico. Já foi vertido ao allemão por Johannes Flemming.

— Que importancia tem para nós essa collecção de canticos sagrados?

— Grande, sem duvida: primeiro, porque é muito para se apreciar todo escripto dos primeiros seculos da Igreja em que as tradições da doutrina de Jesus estão mais frescas: segundo, pelo amor e respeito que inspira ás almas delicadas tudo quanto tem o cunho da antiguidade: e terceiro, porque fornece uma boa arma para refutar as heresias, principalmente o modernismo, a cujos corypheus muito incommoda a *realidade historica* dos factos evangelicos, sendo alvo preferido de seus ataques o Evangelho de São João.

Com effeito: as odes de Salomão fôram retocadas no principio da era christã por um discipulo de Jesus até o ponto de ser o seu estylo, as phrases e palavras muito semelhantes ás do Evangelho de S. João, quando se refere á Filiação eterna de Jesus Christo, á sua conceição virginal, á encarnação á paixão e á resurreição do divino Redemptor. Tudo leva a pensar que fosse o proprio São João, o discipulo predilecto de Jesus, o autor daquelles commentarios, ou algum outro christão por elle inspirado.

O dito psalterio, na ode quarta, celebra as glorias de templo de Salomão, como si elle ainda estivesse de pé, admirando os povos do Oriente e Occidente com as grandezas fulgurantes de seu esplendor. Por tanto, o autor dos commentarios verificou o seu trabalho antes do anno 70 da era christã em que os romanos destruíram completamente o templo de Salomão de cujas ruinas que tanto fizeram chorar os filhos de Israel até os nossos dias, nada nos diz o illustre contemporaneo dos Apostolos: e de certo havia de accrescentar algumas palavras allusivas ao mais iafausto acontecimento da raça judaica que esphacelou para sempre a sua nacionalidade e nunca mais permittiu aos discipulos de Moyses renovar sobre a terra os sacrificios sanguinolentos do sacerdocio de Aarão nem a oblação das

hostias incruentas do patriarcha Melchisedech.

Temos, dest'arte, uma collecção de canonicos usada pelos Apostolos entre as christandades da Palestina que tinham ouvido os brados de João Baptista nas beiras do deserto e acompanhado Jesus nas suas excursões da Judea e da Galilea, ouvindo seus sermões e tendo alguns delles presenciado a sua morte no Calvario e a sua ascensão aos ceus sobre o monte das Oliveiras.

Temos um *synoptico* do quarto Evangelho, localizado na Judea, e não sendo discipulo dos neoplatonicos nem dos judeus alexandrinos, mas directamente influenciado pelas primeiras prégações da palavra de Jesus. Si, pois, os tres primeiros evangelhos, os de S. Mattheus, de S. Marco e de São Lucas, merecem todavia algum respeito aos hereges, porque concordam no sabor aramaico da terra de Jesus, não se achando isolados um do outro, agora o Evangelho de São João conta com um valioso auxiliar historico, com um parallelo na linguagem evangelica, mas derivado no seu fundo e primeira redacção da estirpe hebraica do rei mais sabio entre os monarchas de Oriente

LUIZ DA FRANÇA BORBA.



SÃO PAULO.—Uma devota envia 5\$ para celebrar uma missa em louvor do I. C. de Maria.

—Cumprindo minha promessa, publico ter alcançado uma graça particular do Coração de Maria.—A.

SANTOS.—Envio essa esportula e agradeço de todo o meu coração o insigne favor que o Coração de Maria concedeu á menina Maria Izabel, muito tempo doente e sem esperança de remedio. Publique, sr. Director, essa grande misericordia de Nossa Senhora.—Daniel Antonio Ferreira.

—Prometto ao Purissimo Coração de Maria de fazer uma novena de Communhões, e publicar a graça na *Ave Maria*, se me visse livre de um incommodo, de garganta. Penhoradissima venho agradecer a tão boa Mãe.—R. C. Ferraz

—Risoleta de Almeida Faria, cheia de gratidão, ao Purissimo Coração da Mãe de Deus, vem publicar o insigne favor que lhe fez, fazendo voltar á casa paterna um menino de 14 annos. Este menino esteve ausente durante 3 annos. Já cumpriu a promessa que fizera a Mãe de Deus e agora publica esta graça na conceituada revista *Ave Maria*.

PELOTAS (Rio G. do Sul).—Conforme promessa que fiz, publico na *Ave Maria* que obtive do Coração de Maria uma graça importante, remetendo 2\$000 para o culto de Nossa Senhora.—Cesarina Cossal

—A exma. sra. baroneza de Santa Martha em

agradecimento de um favor alcançado do Coração Immaculado de Maria, remette 5\$ para ser rezada uma missa no Santuario.

—Egual quantia e para o mesmo fim envia D. Pulcina Ferreira da Costa.—Correspondente.

CACHOEIRA.—Publique, sr. Director, que o Coração dulcissimo de Maria alcançou um favor especial á exma. sra. d. Othilia Pereira da Cunha e que esta senhora agradecida envia 2\$ para o culto de Santuario.—Correspondente.

PELOTAS.—O illmo. sr. Francisco Ferreira e sua senhora enviam 2\$ para auxiliar a causa da beatificação do V. P. Maria Claret.—Correspondente.

TREMEMBE.—Uma devota do Coração Immaculado de Maria tendo alcançado duas graças, pede a publicação na *Ave Maria* para maior gloria de Nossa Senhora.—M. G. P. B.

BRAGANÇA.—Por intermedio do Coração de Maria alcancei a cura de uma pessoa doente e que uma outra conseguisse uma collocação. Agradecida, peço a publicação destes favores na *Ave Maria*

ITATIBA.—Em acção de graças ao Coração de Maria entrego essa esportula para ser rezada uma missa no Santuario e accender duas velas.—Maria Brito Muniz.

—Quando meu pae estava gravemente enfermo, recorri ao Coração de Maria, pedindo-lhe a saude. Não foi em vão, pois a Mãe de Misericordia atendeu meu pedido. Conforme prometti, publico o favor e envio-lhe esta esmola.—Uma Filha de Maria.

SABARA' (Minas).—Peço celebres tres missas em honra do Immaculado Coração de Maria e em suffragio das almas do Purgatorio. Confesso-me grato a Nossa Senhora pelos muitos favores d'Elle recebidos.—Uma devota.

ESP. STO. DO PINHAL.—Envio, conforme prometti, 5\$ para ser rezada uma missa no Santuario do Coração de Maria em acção de graças e em suffragio das almas do Purgatorio.

JUIZ DE FÓRA (Minas).—Envio esta esportula para ser rezada uma missa em agradecimento a N. Senhora que me concedeu uma graça.—Uma Filha de Maria.

ARARAQUARA.—Florisbella de Lacerda Corrêa pede publicar na revista *Ave Maria* uma graça importante que acaba de receber em favor de uma pessoa de sua familia. Envia a esportula para ser rezada uma missa.

BAHIA.—Achando-me em estado melindroso de saúde, recorri ao Coração de Maria, promettendo publicar a graça na *Ave Maria*. Como estou restabelecida cumpro hoje a minha promessa.—H. B.

—D. Carlota Alves agradece tambem uma graça particular que obteve do V. P. Antonio Maria Claret.—Correspondente.

STO. ANTONIO D'ALEGRIA.—Remetto a essa digna Redacção a importancia de duas assignaturas, sendo a do sr. Antonio Bernardes em virtude de uma promessa feita ao Coração de Maria de quem alcançou uma graça.—Correspondente.

—Pedi e obtive do Immaculado Coração de Maria que meu filho fosse feliz no arranjo de uma collocação. Penhorado por esse favor, envio 3\$ para o culto do Santuario.—Guersino Gomes.

CIDADE DE PRADOS.—Dolores Costa e Noemia de Campos remetem a importancia de duas assignaturas da *Ave Maria* e agradecem ao Purissimo Coração de Maria uma graça recebida.

S. JOSÉ DOS PINHAES (Paraná).—Envio a V. R. essa quantia que deverá ser applicada no culto de Nossa Senhora em acção de graças por varios favores alcançados de seu maternal Coração.—José Resende.

CASO MYSTERIOSO

Andou a policia numa faina viva de investigações sobre o caso do orphanato, excitada e atropellada pela «madre Celestina» da imprensa diaria e anticlerical de S. Paulo, avida de lixo e sedenta de aguas fetidas para satisfazer a sofreguidão insaciavel de uma parte do publico cuja morbida curiosidade é somente alliciada pelas fitas do crime traçadas a *crayon* de lama condensada.

Já o publico leitor tinha chegado á vase de aguas enlameadas, devido aos despejos do inquerito policial e ás aclaraciones publicadas na «Gazeta do Povo»; mas a imprensa diaria para melhor explorar a imundicie á custa do cobre de seus anciosos con umidores, teima em chamar o caso do mysterioso, clamando a par do accusador anarchista: «Vogliamo l' Idalina».

Constava em autos que Idalina se achava em S. Antonio de Ariranha e que sendo reclamada sua presença em S. Paulo pelo então juiz de orphãos desta capital, dr. Clementino de Castro, a isto se oppoz efficazmente com suas influencias o chefe do eleitorado do pequeno bairro de Jaboticabal.

Na scena escandalosa que ascorosamente foi desdobrando a imprensa, apparece uma *medium*, uma rapariguinha inconsciente e hysterica que se deixa suggestionar por algum sanguinario anarchista. Este, promettendo-lhe fama mundial e a publicação do retrato em toda a *imprensa* e nas fitas de *exploração* cinematographica, exhorta e prepara a inexperta menina a vomitar um lodaçal de hediondas calumnias contra os protectores catholicos da orphandade e defensores do proletariado.

Mas eis que quando a gritaria dos maçons e jornalistas está no auge, quando o escandalo anticlerical está no seu pino, e muitos ingenuos e estupidos dos quaes ha um numero infinito no publico leitor, já caem de joelhos ante os jornalistas do escandalo, a criança se desmente, dá o dito por não dito e declara que algum terceiro lhe architectou a tragedia de horrendos crimes, até com palavras que a menina não poderia combinar por serem superiores a seu cabedal literario.

Cairam das nuvens os jornalistas exploradores, e o publico illudido tombou na prostração de um fiasco o mais phenomenal que já houve desde os dias em que o aeroplano firmou o pé e não quiz trepar...

Não queremos pensar que o publico an-

ciasse por uma verificação dos crimes aventados com pó de madre Celestina que é a imprensa diaria de S. Paulo e do Rio engordada com a infame cooperação de seus assignantes, collaboradores e annunciantes; mas queriam um desfecho normal. Os jornalistas, porém, seguem empenhadas em fechar o trinco, desvalorizando as noticias tranquilladoras da policia, para continuar cobrando mais patacas com a expectação *rendosa* de seus anciosos e estupidos freguezes.

Mas o que acabou de prostrar no chinello os odientos calumniadores, foi a grande achada que o *Fa... nulla esqueceu* de apontar, e o *Estado, etc.*, na sua azafama de chamar a atenção, não se podendo conter, publicara nas suas columnas com uma linguagem pilherica a que seus redactores não estão acostumados. O delegado de policia mandara fazer excavações no campo de *foot-ball* do orphanato para ver si achava os restos da supposta victima. Foram bldados os esforços. Um leitor do anarchico *Battaglia*, por malicia ou por não importa que intuitos secretos, escreveu ao jornal, marcando um logar nas proximidade de uma antiga cancella. Cavoucaram os trabalhadores ás ordens da policia, com o sol a pino e sob as vistas anciosas de uma grande roda de curiosos, entre os quaes se achavam os accusadores anarchistas, maçons, socialistas...

Já appareciam cavacos, garrafas, sapatos, tijolos e um osso que era... a caveira de um burro !!!

Toda aquella cambada de anticlericaes ficou assim... com cara de asno..!

Nossas condolencias, nossos pesames á maçonaria de S. Paulo e do Rio pela triste achada do corpo de delicto! Nossas fundas condolencias ao «Estado de S. Paulo» que se achou desancado, descadeirado e desapontado... ante a caveira de um burro, não podendo, pois seguir na campanha de odio contra os directores do Orphanato! Nossos pesames, os mais sinceros ao «S. Paulo» diario apostata do... gr Orate das lojas! Brados de compaixão para o *Cor.....feio paulistano*, para o Impopular, para o *Commercio* improductivo e para outros diarios da capital e do Rio sem *era* nem beira. Nem esquecemos em nosso pesar os de outras linguas, como *Deutsche Zeitung ohne Leitung*, o *Germania*, da mania socialista e o estouvado quanto raivoso, *Fa...nulla*.

Nem havíamos de obliterar em nossa tristeza os assignantes, collaboradores e annunciantes desses jornaes, que com seu dinheiro ou com sua penna, se fazem co-réus e cooperadores dessas empresas de *calumnia industrial* organizada nos jornaes diarios que seus leitores tanto e tanto favorecem.

Entre esses leitores entusiasmados que acreditam ou *querem* acreditar nas calumnias contra o clero e que por isso assignam ou compram com muito fervor os jornaes *não catholicos*, acham-se imprescindivelmente os christãos sem fé, os catholicos sem consciencia os negociantes sem credito, banqueiros desbancados ou arruinados, empregados desempregados e desfalcadores, cavalheiros sem honra, cidadãos sem prestimo, politicos triumphantes com eleições avariadas, estudantes com mil bombas..., cachaceiros de *prosa inspirada*...

Aos srs. ministros *catechistas* dos indios, presente e futuro, convidamos a formar um museu da imprensa onde figure, como numero 1, a caveira mimosa que os Argonautas anticlericaes de S. Paulo, após grandes trabalhos de cavação, acharam no campo de foot-ball do Orphanato Christovão Colombo.

ERASTO.

N. d. R. — Pedimos desculpa aos nossos assignantes por não publicar o detalhe das calumnias, em attenção ao character de nossa revista e ao grande numero de menores de idade que são os nossos queridinhos, constantes e carinhosos leitores.

Correspondencia.

São Paulo

A' pagina 637 da apreciada revista *Ave Maria* de 2 de Outubro, que Vs. Rvmas. com esmero dirigem, sahiu sob a epigraphé, 2º CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAPHIA — Segundo parecer da nova Commissão parcial do mesmo Congresso, muito me honra pelo incentivo que suggere nas apreciações que com imparcialidade expende no referido parecer, sobre o meu trabalho das "Memorias de Mboy", merecendo a gentileza de sua extensão, apesar de apontar-nos alguns senões de revisão que em breve serão sanados, «naturalmente publicado ás pressas para não perder a oportunidade da apresentação a este Congresso».

Apenas de um ponto não posso concordar, ponho esse que destôa do resto do parecer, como adiante vou demonstrar. Diz o topico a que me refiro: «É interessante a questão discutida no trecho V. Mas della já se occupou com inexcedivel competencia o illustre dr. Theodoro Sampaio, no seu apreciadissimo trabalho:—O tupy na Geographia Nacional».

Parece á primeira vista, quando diz della que já tratou o illustre dr. Theodoro Sampaio, que eu o plagiei, quando as minhas objecções em parte são oppostas ás que elle relata em seu citado livro,

aliás um primor, e o proprio Relator da nona Commissão o confessa quando diz, que o dr. Sampaio á pag. 64 de sua obra descreve, que Mboy, *cobra*, aqui entre os paulistas tão erroneamente pronunciado; então tambem andou errado o padre A. R. Montoya, quando affirma em sua preciosa obra "*Tesoro de la lengua Guarany*".

Mboy, *vibora*, só se o illustre Relator traduz vibora em hespanhol, por outra cousa em portuguez que eu ignoro que seja, quando o proprio dr. Sampaio lhe não dá outra significação na pagina 140, de seu citado livro; Mboy—a cobra. a serpente; pronuncia-se: *umboi* ou *imbú*, etc; a cujos significativos se oppõe o padre Montoya, quando diz: *umbú*, (que deve ser *umboi*); arbolito conhecido; — e *imbú* — arvore spondias, tuberosa e talvez outras que produzem tuberas ou mesmo fructos contendo aguas, apparece escripto—*imbú*, *embú*, *ambú*. Parece que estas significações não querem dizer cobras ou serpentes, o que os referidos autores dizem que significa Mboy, portanto *Imbú* é genero differente.

Não tratei na descripção do mesmo trecho V da approximação dos substantivos Mboy com *Nitheroy*, quiz apenas demonstrar que o accento tonico cahia no mesmo ditongo, portanto a pronuncia deve ser igual para não haver motivo de mudarem Mboy para *Imbú*, quando estes dois vocabulos são completamente distinctos como acima expliquei, tendo cada um significação differente: e emquanto a decifração do termo *Nitheroy*, que deve ser o mesmo que *Netheró*, segundo o mesmo dr. Sampaio, á pag 98, tambem não condiz com a do padre Montoya por que este descreve «*ñeêteró*» que deve ser o mesmo que *Nitheroy* ou *Nhitheró*, do padre Simão de Vaseoncellos; voz rouca, desentonando; referindo-se talvez ao ronco do mar ou ao barulho das ondas nas praias; etc; tambem parece que o preclaro dr. Sampaio, não pretendeu tirar privilegio para obstar que alguém mais pudesse emittir sua opinião a respeito, porque da discussão nasce a luz; pois já antes e depois delle muitos outros escriptores se tem occupado da materia; portanto o que passo asseverar. é que a questão vem de muito mais longe, pois já foi aventada ha quasi quatro seculos, visto que desses vocabulos tratou o padre Montoya, no decennio de 1530 a 1540,

Emquanto ao mais, entendo que o illustre Relator da nona Commissão do 2º. Congresso Brasileiro de Geographia, a quem as minhas modestas «Memorias» foram distribuidas, me fez justiça, e nem outra cousa era de esperar de tão preclara intelligencia, sentindo que a forma não lhe agradaase ao paladar, o que a alguns outros tantos agradou, como mais tarde demonstrarei quando modificar as «Memorias de Mboy» com apreciações valiosas.

GIL PINHEIRO

Casos Reaes Livro de 266 paginas ornado com preciosas e lindas gravuras. Escrito pelo autor dos *Contos sertanejos*, P. Zepherino de Abreu.

O illustre poeta e escriptor fluminense dr. Sebastião Gloria chama á esse livro «um divertido recreio mental».

Pedidos, em S. Paulo, á redacção do *Sanctuario d'Apparecida*, *Apparecida* do Norte; na cidade de Cataguazes, na casa de negocio de Francisco Faráco, rua da Estação. Cada volume 2\$000 e pelo correio mais 300 réis para o registro.

Notas e noticias

Segundo a «Estatística escolar de España em 1908» publicada pelo ministerio de Instrucção publica, os meninos hespanhoes de seis a doze annos, matriculados nas escolas eram 2.417.254. As escolas de todos os graus são 24.861: destas, são escolas privadas catholicas 5.014, protestantes 91 e laicas ou atheas 107.

Os professores das escolas publicas e das privadas catholicas não têm na monarchia hespanhola as licenças amplas ou fa- ceis, de vadiar, como em certas republicas que se julgam mais progressivas. Recebem o ensino catholico em escolas privadas, geralmente por Padres, Irmãos ou freiras, sem nenhum auxilio do Estado, nas escolas primarias 19.138 parvulos, 30.874 meninos maiores e 29.748 meninas: total 80.560 crianças. Nas escolas salesianas, (internatos) 2577 educandos. Ensino especial, artes e officios, pintura, musica... 3368. Escolas dominicaes e nocturnas para obreiros, 7.309 educandos e 6.844 educandas. Escolas de catecismo 6.731 meninos e 6 602 meninas. Total, 133.991 alumnos com ensino catholico inteiramente gratuito, sem contribuição do Estado nem das familias...

Canalejas e todo o seu cortejo liberal, maçónico, anarchista, radical, desordeiro e prostibulario pretende aniquilar toda essa grande obra catholica e social: quer ainda supprimir o parco ensino da religião que nas escolas officiaes se subministra aos dous milhões e duzentos mil meninos que nella o recebem, já diminuiu e ainda diminuirá o pessoal das Escolas publicas por contem- plações com seus bajuladores, como vimos na historia do automovel, *côr de sangue*, do ministro Burell, jornalista da mesma cam- bada que a dos diarios de aqui, e pretende entrar com peias de innumerados expedientes officiaes o funcionamento das muitas asso- ciações de auxilio mutuo para a lavoura e para a industria que sustentam diversas es- colas nocturnas, só por serem aggremações catholicas ou para que augmentem o luxo dos tyrannos politicos da situação com os impostos pesadissimos do sello.

Sirva, entretanto, a presente estatística para confundir a má fé dos que, ha poucos mezes, publicaram uma lista do numero das escolas e alumnos de muitas nações da Eu- ropa, esquecendo-se, coitadinhos! de enu- merar a Hespanha.

Refere a *Sacred Heart Review* que durante as erupções do Etna os *touristes* estrangeiros presen- ciaram uma scena notavel. Um grupo de piedosas mulheres cantando psal- mos, e precedidas de seis jovens que leva- vam aos hombros uma imagem da Santa Madonna enfeitada de flores e fusilando com o brilho das pedras preciosas, se approxi- maram com um padre á borda da medonha torrente de lava, e lá supplicavam com la- grimas ao Todopoderoso se dignasse salvar seus lares pelo amor da Mãe Divina e de seu filho Jesus.

Entre os espectadores havia algumas senhoras inglezas protestantes que tanto se commoveram a vista da fé singella de tão boa gente, que se despojaram de seus an- neis de ouro, de seus braceletes e os fize- ram pendurar na imagem de N. Senhora, como signal de homenagem e de petição.

E que contraste, diremos nós, entre a conducta leal destas senhoras e a má fé, a perversidade, a infame perfidia dos jorna- listas, succursaes e proselytos da agencia Havas, maltratando com insultos e dicterios os afflictos camponezes e o bom padre que não os abandonava naquella tribulação! (Vi- de supra, pag. 645.

E que pessimo procedimento o daquel- les catholicos que com suas assignaturas, informações, artigos (!) e annuncios protegem os jornaes do Rio e S. Paulo que insultavam a fé daquellas pobres senhoras, como insultam o ministerio sacerdotal e todas as pes- soas que por servir a Deus se sacrificam em hospitaes e orphelinatos a bem do pro- ximo!

Os impagaveis anticlericaes lou- vavam e gabam os sacerdotes mo- dernistas e rebeldes. Mas esses Padres, discipulos do rebelde Lu- thero, acostumam dar má conta de si e os bispos os suspendem. Os sectarios armam um rolo em favor delles e mettem-se no governo da Igreja... elles que são inimigos da Religião.

Ha pouco, um dos taes modernistas que não querem obedecer a Pio X, e são muito amigos da maçonaria e dos gari- baldinos, foi suspenso pelo Bispo de Vicen- za, no Veneto, e elle, para vingar-se, matou o Arcipreste: e eis o que os judeus e ma- çons fazem um sarilho e vêm impressionar o publico com fitas cinematograficas de um escandalo clerical, não contando que o cri- minoso era amigo delles e que provavelmente obrou por instigação e conselho da ma- çonaria.

Limpeza publica No orçamento municipal de Barcelona, figura o projecto da limpeza com uma verba de 2.173.940 pesetas; pouco mais de mil contos. Grande resulta ser essa quantidade; mas para uma povoação de 860.000 habitantes não pode ser excessiva, si a comparamos com outras cidades.

Paris, com 2.747.620 habitantes, gasta 14.840.598 francos. — Berlim, com 1.960.000, gasta 10.260.500. — Marselha, com 525.000, despende 4.815.800. — Colonia, com 440.000, gasta 6.676.000. — Hamburgo, com 770 000, gasta 7.025.000. — Zurich, com 175.000, despende 2.748 000, e Liège, com 172.000, dedica á esse serviço 1.749.950, francos.

Os frades estrangeiros O arcebispo metropolitano dirigiu ao presidente da Republica o seguinte telegramma : «O arcebispo, os bispos, o clero e os catholicos da provincia ecclesiastica de S. Paulo, dolorosamente surpreendidos com a noticia da prohibição do desembarque de religiosos estrangeiros, falsamente apresentados como elementos perturbadores da ordem, não podem acreditar que v. excia. queira encerrar seu governo, ferindo tão profundamente os corações dos bispos e catholicos brasileiros, que tão lealmente e com grande patriotismo têm sabido servir nossa patria commum.

Esperamos que v. exa. não deixará consumir-se semelhante attentado á liberdade de consciencia, ás crenças da immensa maioria da população do paiz e ao espiri-



Saudações maçonicas.

Aquelle elegante que parece um copeiro de *high life*, é um sujeito elevado a veneravel da loja maçonica por seus feitos heroicos, digo, por seus roubos e assassinatos por causa da politica: agora está pedindo o voto para deputado afim de perceber resignadamente as gorjetas do Congresso.

Aquelle outro, bobo alegre, é um candidato a perpetuo trabalhador, pagando escrupulosamente a joia trimestral da loja, do club e do centro socialista, e não passa de ser uma *besta candida*.

to da Constituição que nos rege, da qual é v. exa. o primeiro defensor».

— Tambem foram passados telegrammas, pelo mesmo exmo. e revmo. sr., ao cardeal arcebispo do Rio de Janeiro, e aos arcebispos da Bahia e de Mariana, nos seguintes termos:

«Arcebispo e bispos paulistas protestam contra prohibição desembarque religiosos».

A prohibição do seu desembarque O deputado dr. Oscar de Almeida, nosso illustre amigo, occupou a tribuna da Camara do Deputados para tratar do acto do sr. Nilo Peçanha, presidente da Republica, decretando a prohibição do desembarque dos religiosos expulsos de Portugal.

O orador atacou energicamente a resolução do governo federal, pedindo que fosse lavrado na acta o seu protesto de republicano e de catholico contra a iniqua medida do sr. Nilo Peçanha.

Falou ainda o sr. Moraes Barros, verberando o decreto do governo federal e manifestando-se de accôrdo com o protesto lavrado pelo sr. Oscar de Almeida.

Nossos parabens aos dignos deputados que fizeram ouvir a voz da justiça, não se curvando ante a prepotencia das sociedades secretas

Reagindo Merecem os maiores applausos a-quelles representantes do povo que não se humilham aos caprichos oppressores e injustos do poder executivo, sobre tudo quando este parece estar dominado por um poder secreto não reconhecido na Constituição.

E' o caso da prohibição do desembarque dos religiosos que estavam a vir de Portugal, por um accordo tomado á ultima hora, pelo sr. Peçanha, surpreendendo a nação e o mesmo Congresso federal. No senado o sr. Mendes de Almeida, apoiado por outros collegas insuspeitos de clericalismo, como o sr. Cassiano do Nascimento, verberou, como se merecia, o procedimento, illegal do vice-presidente da Republica.

Na Camara federal o sr. Barbosa Lima que tão pouco pensa em ser frade, atacou com sua eloquencia de ferro a desgraçada medida daquelle que os cariocas chamam em familia, e nós repetimos, pedindo mil perdões, o «capadocio do Catette»

E é mesmo uma capadoçagem, conforme não de concordar os que não perderam o bom senso...

O Centro Catholico do Rio protestou tambem com vehemencia contra a intrujice do sr. Peçanha no regime da Igreja; pois

o haver ou não religiosos é da competência exclusiva do Papa e dos Bispos. A elle só lhe tocava intervir no caso de alguns delles serem perigosos á ordem, sabendo elle muito bem que nem de longe se podia pensar tal coisa das victimas da perseguição sa-nhuda dos maçons de Portugal.

Mas ninguem já ignora que o futuro ministro da Agricultura já combinou com todos os «tres pontinhos» do Rio para em-pegar todos seus esforços na empreza anti-clerical que lhes encommendara o saltim-banco Clemeiceau.

— Com a assistencia dos excmos. srs. Bispos de S. Carlos, Campinas e Ribeirão Preto iniciou-se no dia 8, neste Sanctuario o retiro espiritual da primeira turma do clero secular da Provincia Ecclesiastica de S. Paulo, tomando parte sessenta srs. sacerdotes.

No dia 6 reuniram-se, na res-
Solidariedade e protesto pectivas salas de sessões, as di-rectorias de todas as associações catholicas, de homens, congregadas em confederação.

Falaram diversos oradores, sendo calorosamente applaudidos.

Foi lavrado um protesto solemne contra a calumnia de que foi victima o padre Faustino Consoni e contra a exploração que deste caso tem feito a imprensa.

Vehemente foi o acto lançado contra o acto inconstitucional do sr. presidente da Republica, prohibindo o desembarque no Brasil de religiosos estrangeiros.

«O sr. Nilo Peçanha, disse o orador, com este acto, cortou a mortalha para o seu cadaver politico».

Um telegramma foi dirigido ao Catette, nestes termos: «Quarenta associações catholicas de homens, reclamam do presidente da Republica justiça e respeito á Constituição, que garante liberdade de consciencia e liberdade a qualquer estrangeiro não perigoso á nação. Reclamamos desembarque livre religiosos».

Um officio por todos assignado vae ser enviado ao presidente, conforme decidido ficou.

Por proposta do sr. dr. Oscar de Almeida, foi nomeada uma commissão para visitar o padre Faustino Consoni e levar-lhe a solidariedade dos catholicos paulistas. Desta commissão fazem parte os srs. dr. Oscar de Almeida, dr. Adolpho Pinto, dr. Theophilo de Souza Carvalho, dr. Carlos de Moraes Andrade, dr. José Vicente de Azevedo e outros.

Por proposta do dr. Souza Carvalho,

o presidente nomeou uma commissão para formar, quanto antes, um «corpo permanente» de advogados e jurisconsultos, afim de chamar á responsabilidade todo e qualquer diffamador do clero e instituições catholicas. Com applausos geraes ficou assentado que para essa commissão seriam convidados diversos jurisconsultos de nota.

No sentido de reagir contra o anarchismo, que negreja sobre os destinos da Patria Brasileira, a Confederação das Associações Catholicas tomou providencias energicas, e dentro dos limites da lei, vae agir franca e positivamente.

A Companhia de Jesus perdeu
Fallecimento entre nós um dos membros mais prestimosos e mais estimaveis na historia ecclesiastica do Brasil. O rymo. P. José Affonso de Lima e Sá, natural de Pernambuco, secretario do Collegio de S. Luiz, passou a melhor vida.

O P. Lima e Sá, nosso collega de imprensa pela parte que tomara na collaboração do *Mensageiro do Coração de Jesus*, fôra secretario do grande bispo de Olinda e com elle soffreu as enxovias na cruel perseguição da maçonaria potentissima no ministerio Rio Branco. Acompanhou em suas penas e nas suas viagens, como leal amigo e servidor, o venerando martyr do episcopado brasileiro.

Em 1892, sentindo em si a vocação ao estado religioso e depois de tambem ter sido secretario do rymo. sr. D. José Pereira Barros, successor de D. Vital na séde de Olinda, entrou na Companhia de Jesus cujas regras elle observou com toda fidelidade e desempenhando com grande proficiencia dos alumnos todos os cargos que lhe impuzeram no collegio.

R. I. P.

— Outro fallecimento encheu de pesar o povo ituano: o do exmo. sr. coronel Almeida Sampaio, catholico leal, dignissimo cidadão e chefe de familia, depois de ter obtido uma grande votação para formar a nova Camara de Itú.

R. I. P.

Aviso. — Nesta Administração vendem-se os clichés já usados na Revista, ao preço do 25 réis o centimetro quadrado; comprando mais dum cliché, as despezas de correio são por conta do comprador.

UM INCENDIO

guntasse ao desconhecido o que era. Nem foi preciso, este recuara, com a cabeça voltada para cima, os olhos na janella da casa e a mão tremula, apontando... Outros seguiram a direcção; o official da marinha fez o mesma. Alli, no meio do fumo que rompia por uma das janellas, destacava-se do clarão, ao fundo, a figura de uma mulher. Não se podia distinguir bem, pela hora e pela distancia, si o clarão vinha de outro compartimento que ardia, ou si era já o fogo que invadia a sala da frente.

A mulher parecia hesitar entre a morte pelo fogo e a morte pela queda. Qualquer dellas seria horrivel. Ora o fumo encobria toda figura, ora esta reaparecia, como que inerte, dominando todas as demais partes da catastrophe. Os corações cá de baixo batiam com ancia; mas os pés, atados ao chão pelo terror, não ousavam ir leval-os acima. Tal situação durou muito ou pouco, o official não pôde saber si dous segundos, si dous minutos. Verdadeiramente não soube nada. Quando deu accordo de si ouviu um clamor novo, que os jornaes do dia seguinte disseram ser de protesto e de applauso, a um tempo, ao vel-o correr na direcção da casa. A alma generosa do official não se conteve, rompeu a multidão e enfiou pelo corredor. Um soldado atravessou-lhe na frente, elle deitou o soldado ao chão e galgou os degraus da escada.

Já então sentia calor de fogo, e o fumo que descia era um grande obstaculo. Tinha que rompel-o, respiral-o, fechar os olhos. Não se lembrava como poder fazer isso; lembrava-se que, a despeito das difficuldades, chegou ao segundo andar, voltou á esquerda, na direcção de uma porta, empurrou-a, estava aberta; entrou na sala. Tudo ahi era fumo, que ia saindo pelas janellas, e o fogo, vindo do gabinete contiguo, começava a devorar as cortinas da sala. Lá embaixo, fóra continuava o clamor. B... empurrou cadeiras, uma pequena mesa, até chegar á janella. O fumo rasgou-se de modo que elle pôde ver o busto da mulher... Vencera o perigo; cumpria vencer a morte.

—A mulher—disse elle ao terminar a aventura, e provavelmente sem as reticencias que Abel mettia neste ponto da narração,—a mulher era um manequim, o manequim da costureira, posto alli de costume ou no começo do incendio, como quer que fosse, era um manequim.

A morte agora, não tendo mulher que levasse, parecia espreital-o a elle, salvador generoso. O official duvidou ainda um instante da verdade; o terror podia ter tirado á pessoa humana todos os movimentos, e o manequim seria acaso mulher. Foi se chegando; não, não era mulher, era manequim; aqui estão as costas encarnadas e nuas, aqui estão os hombros sem braços, aqui está o pau em que toda a machina assenta. Cumpria agora fugir á morte. B... voltou-se rapido; tudo era já fumo, a propria sala ardia. Então elle, com tal esforço que nunca soube o que fez, achou-se fóra da sala, no patamar. Desceu os degraus a quatro e quatro.

No primeiro andar deu já com homens de trabalho empunhando tubos de extincção. Um delles quiz prendel-o, suppondo ser ladrão que se aproveitasse do desastre para vir buscar valores, e chegou a pegal-o pela gola; depressa reconheceu a farda e foi andando. Não tendo que fazer alli, embora o perigo fosse menor, o official cuidou de descer. Verdade é que ha muita vez algum que se não espera. Transpondo a porta da sala para o corredor, quando a multidão anciosa estava a esperal-o, na rua, uma taboa, um ferro, o que quer que era, caiu do alto e quebrou-lhe a perna...

—Quê...? interrompeu Abel.

Justamente, confirmou o official. Não sei donde veio nem quiz sabel-o. Os jornaes contaram a cousa, mas não li essa parte das noticias. Sei que logo depois vieram buscar-me dous soldados, por ordem do commandante de policia.

Tratou-se a bordo e em viagem. Não continuou por falta de commodidades que só em terra podia ter. Desembarcando, aqui no Rio de Janeiro, foi para o hospital, onde Abel o conheceu. O vaso de guerra esperava por elle. Contava partir em breves dias. Não perdia tempo; emprestavam-lhe o *Times*, e livros de historia e de religião. Emfim, saiu para a Europá. Abel não se despediu d'elle. Mais tarde soube que, depois de alguma demora em Inglaterra, foi mandado a Calcuttá, onde descansou da perna quebrada e do desejo de salvar ninguem.

MACHADO DE ASSIS.

Com permissão d. Autoridade ecclesiastica.

Typ. do Immac. Coração de Maria.